

EXCERTOS DOS E SOBRE OS INTÉRPRETES CLÁSSICOS

IEB -0275 Como Pensar o Brasil Hoje?

De José Miguel Wisnik in Veneno Remédio

do grande jogador. Pode-se dizer que as características da “formação do Brasil contemporâneo” em Caio Prado Júnior aparecem ao maior analista do nosso atraso como um *veneno* contaminante; que o mesmo processo, visto por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, ganha as propriedades de um *remédio* — a ideia da civilização mestiça e original nos trópicos; e que em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, essa formação destila um implícito e ambivalente *veneno remédio* — o “homem cordial” afetivo e arbitrário, afável e truculento, personalista e inconsequente. Essas diferenças podem ser vistas como modulações de um mesmo campo problemático em que a *droga-Brasil*, aparecendo ora num polo, ora noutro, resiste como um *fármakon* rebelde à neutralização.

Sobre a Formação do Brasil Contemporâneo

- Em Caio Prado Júnior, a colonização brasileira é um capítulo longínquo e deslocado da história mundial do capital, uma empresa marcada pela “incoerência e instabilidade no povoamento”, pela “pobreza e miséria na economia”, pela “dissolução nos costumes” e pela “inércia e corrupção nos dirigentes leigos e eclesiásticos”.
- “Esse aglomerado incoerente e desconexo, mal amalgamado sobre bases precárias, falho de projeto, de justiça, de limite e de caráter, constituindo uma sociedade voltada exclusivamente para a exploração econômica a longa distância, não conhece nenhuma vida popular que não seja a da população degradada pela escravidão, por um lado, e a massa marginal de homens livres sem perspectiva, por outro. Sob o realismo minucioso e implacável do seu crivo produtivista, Caio Prado Júnior não vê lugar para o despontar de alguma produção cultural original”. (p. 358-359)

Fonte: José Miguel Wisnik in *Veneno Remédio*

Sobre Casa Grande & Senzala

- Gilberto Freyre dá corpo ao lado dionisíaco dessa presença silenciada em Caio Prado Júnior —a sobra, ou o excedente humano, investida nessa empreitada colonial. Longos capítulos sobre a “bicontinentalidade” europeia e africana (moura) —do português; sobre o erotismo, a culinária, as técnicas de corpo, as influências linguísticas, os brinquedos (incluindo os jogos de bola) do índio; sobre o universo afrobrasileiro e a permeabilidade entre a casa-grande e a senzala, tudo isso é a marca registrada do seu livro mais famoso e influente, *Casa Grande & Senzala*.
- O despotismo patriarcal brasileiro, como ele o descreve, é uma imbricação violenta e vivaz de antagonismos, de truculência e proximidade, de diferenças sem contradição, de hibridismo e *hybris* unidos plasticamente num “amálgama tenso, mas equilibrado. .”O mundo colonial aí tratado está longe de ser idílico, ao contrário do que às vezes se supõe ou se diz a respeito de Gilberto Freyre. Nele, os patriarcas permitem-se castigar e matar escravos e escravas, esposas infiéis e quem lhe for insubordinado, além de exercer todo o tipo de violência sexual. Uma propensão generalizadamente sádica, diz Freyre com todas as letras, que permeia todas as relações de mando. (Fonte: José Miguel Wisnik in *Veneno Remédio*)

Os Donos do Poder, de Raymundo Faoro

Não há neste livro nada que se assemelhe ao relato da gradativa constituição de uma configuração nacional com feição e dinamismo próprios. É mais propriamente a crônica de uma deformação ou, mais precisamente, de uma má formação que nele se encontra. Nada da gradativa proporção e sincronia das partes de um todo harmonioso. É o extemporâneo e o desconexo que absorvem a atenção e suscitam a questão decisiva: não a de como isso ganhou forma e sim a do segredo da persistência daquilo que Faoro, citando Toynbee, designa como “monstruosidade social”.

Faoro também fala em enigma e tenta dar uma resposta. Para Faoro, o entendimento do Brasil contemporâneo só é possível se atentarmos para uma matriz histórica localizada em Portugal um século e meio antes de suas navegações aportarem nesta terra. Em Portugal, desde a ascensão ao poder da dinastia de Avis com dom João I em 1385, uma simbiose entre os interesses da realeza e do comércio abre espaço para a constituição de um poder estatal centralizado com base econômica na propriedade fundiária, de tal sorte que esse embrião de Estado nacional centralizado se torna moderno quando ainda ninguém o era. Mas isso se dá de maneira singular, muito própria, que lhe custaria ver sua precoce modernidade se converter em persistência fatal, em multissecular repetição da mesma estrutura com conteúdos diferentes, numa espécie de fixação neurótica histórica. Fonte: Gabriel Cohn in Prefácio *Os Donos do Poder*